

A EXTENSÃO RURAL E A TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Dulphe Pinheiro Machado Neto¹

Gervásio Paulus²

Palavras-chave: transição agroecológica, extensão rural e transição

1. INTRODUÇÃO

Historicamente, a extensão rural oficial do Rio Grande do Sul vinha trabalhando ações e técnicas pontuais de base ecológica. Tais ações adquiriram maior consistência a partir da década de 90, quando incorporaram um conjunto maior de tecnologias, aliadas a um processo de organização e participação social dos agricultores familiares.

A partir de 1999 ocorreu um estímulo e orientação institucional para a promoção da transição agroecológica³, com base nos princípios da Agroecologia. Ao mesmo tempo, foi iniciado um processo intenso de formação técnico-social dos extensionistas rurais, com ênfase no uso de metodologias participativas. Como forma de valorizar e divulgar as experiências de transição agroecológica em andamento, foi estimulado o registro e a sistematização das mesmas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A preocupação com o acompanhamento dos resultados do processo de transição agroecológica em curso na EMATER-RS fez com que fosse desenvolvido um sistema denominado SISRAP – Sistema de Resultados Alcançados do Público Assistido em Agroecologia, os quais serviram de base para o presente trabalho. Cabe ressaltar que estes dados limitam-se aos agricultores assistidos pela EMATER-RS. Este programa foi enviado em meio digital para todos os Escritórios Municipais (EMs) da EMATER-RS durante o mês de outubro de 2003 e, após preenchido pelos EMs, o mesmo retornou ao

¹ Engenheiro Agrônomo, mestre em Agronomia. Assistente Técnico Estadual da Emater-RS/ASCAR. E-mail: dulphe@emater.tche.br

² Engenheiro Agrônomo, mestre em Agroecossistemas. Assistente Técnico Estadual da Emater-RS/ASCAR. E-mail: gpaulus@emater.tche.br

³ A transição agroecológica “refere-se a um processo gradual de mudança, através do tempo, nas formas de manejo dos agroecossistemas, tendo-se como meta a passagem de um modelo agroquímico de produção para outro modelo ou estilos de agricultura que incorporem princípios, métodos e tecnologias de base ecológica. (...) Refere-se a um processo de evolução contínua, multilinear, e crescente no tempo, sem ter um momento final determinado.” (Costabeber, 1998).

Escritório Regional, para validação dos dados de campo. Posteriormente estes resultados foram remetidos ao Escritório Central, para compor a síntese de resultados em âmbito estadual.

Para efeito de identificação do grau ou “estágio” de transição agroecológica, adotou-se a noção de níveis de transição, adaptados da proposição de Gliessman (2000)⁴. Assim, convencionou-se três categorias de públicos assistidos nas principais culturas de grãos (milho, soja, feijão, trigo e arroz), olerícolas (alho, batata, cebola e tomate), e frutíferas (banana, bergamota, figo, laranja, morango, pêssago e uva):

- a) Convencional – que inclui também agricultores que vêm, simplesmente, reduzindo o uso de insumos químicos, por razões econômicas ou outras, sem preocupar-se com a adoção de insumos ou práticas alternativas.
- b) Transição – Agricultores que vêm realizando processos de substituição de insumos químicos (adubos químicos e agrotóxicos) por insumos alternativos de base ecológica.
- c) Redesenho – Agricultores que, além do processo de substituição de insumos, vêm realizando o redesenho de suas propriedades, a partir de um enfoque ecológico e sistêmico (que estão realizando simultaneamente e de forma integrada, diversos processos, tais como: manejo ecológico do solo, rotação e diversificação de culturas, integração de sistemas agrícolas e de criação animal, florestamento e reflorestamento conservacionista, manejo de sistemas agroflorestais, entre outras técnicas e práticas agrícolas de base ecológica).

Além da produção vegetal, também foram registrados os resultados referentes à produção animal (bovinocultura de leite) e algumas ações voltadas para a promoção da cidadania e qualidade de vida.

3. RESULTADOS

A seguir passamos a apresentar os principais resultados do ano de 2003, com referência às culturas e criações.

⁴ Este autor propõe três níveis, assim caracterizados:

a) Nível 1: Racionalização do uso de insumos. Neste nível, a ênfase recai sobre o aumento da eficiência no uso e consumo de insumos convencionais. b) Nível 2: Substituição de insumos. Neste nível, a meta é substituir práticas convencionais por práticas e insumos alternativos. c) Nível 3: Redesenho de Agroecossistemas. Trata-se de um estágio mais avançado de transição, com a adoção de um conjunto de técnicas integradas que permitem fazer o redesenho do agroecossistema, de forma que ele funcione em um novo conjunto de processos ecológicos.

Quadro 1: Resultados Alcançados nas Principais Culturas de Grãos (Nov/2003)

Agricultores Assistidos (nº)				Área assistida (Ha)		
Cultura	Convenc.	Transição	Redesenho	Convenc.	Transição	Redesenho
Arroz	2.012	673	224	23.152	3.768	327
Feijão	13.797	3.733	1.360	18.435	3.738	1.054
Milho	45.575	8260	1.795	218.204	30.439	5.765
Soja	22.198	3.406	479	298.785	29.083	1.606
Trigo	6.125	1.698	202	53.649	8.823	711

FONTE: Levantamento realizado pela ASCAR/Emater-RS (nov 2003)

Quadro 2: Resultados Alcançados em Alho, Batata, Cebola e Tomate (Nov/2003)

Agricultores Assistidos (nº)				Área assistida (Ha)		
Cultura	Convenc.	Transição	Redesenho	Convenc.	Transição	Redesenho
Alho	705	276	89	710	45	12
Batata	1.790	514	149	1.944	160	60
Cebola	1.507	520	371	902	198	58
Tomate	1.095	412	285	559	93	57

FONTE: Levantamento realizado pela ASCAR/Emater-RS (nov 2003)

Quadro 3: Resultados Alcançados em Fruticultura (nov/2003)

Agricultores Assistidos (nº)				Área assistida (Ha)		
Cultura	Convenc.	Transição	Redesenho	Convenc.	Transição	Redesenho
Banana	1.403	253	153	4.716	792	327
Bergamota	1.079	1.140	285	2.382	1.684	639
Figo	403	270	69	293	299	54
Laranja	3.262	1.915	518	4.828	2.399	788
Morango	708	216	71	158	47	18
Pêssego	1.345	693	77	2.061	1.306	54
Uva	6.363	2.775	532	12.300	3.154	420

FONTE: Levantamento realizado pela ASCAR/Emater-RS (nov 2003)

Criações - Bovinocultura de Leite:

- 27.769 produtores assistidos em 294 municípios
- 11.695 produtores assistidos com produção de leite a pasto (pastoreio rotativo)
- 6.169 produtores assistidos usam produtos fitoterápicos ou homeopáticos

4. CONCLUSÕES

No caso dos agricultores assistidos pela extensão rural oficial do RS, o processo de transição agroecológica (considerando os dados relativos ao levantamento realizado em 2003 e tomando-se como referência as três categorias acima descritas) mostra avanços significativos:

- 20% dos agricultores assistidos, que corresponde a 11,50% da área assistida nas principais culturas de grãos – arroz, feijão, soja, milho e trigo - estão em processo de transição e 4, 5% deles (1,2% da área) estão em nível de redesenho (Quadro 1);
- 50% dos agricultores assistidos em fruticultura (36,2% da área assistida) estão em transição e 11,7% estão em redesenho, atingindo 8,6% da área assistida (Quadro 2);
- 33,80% dos agricultores assistidos, que correspondem a 12% da área assistida em olericultura (alho, batata, cebola e tomate) estão em processo de transição e 17,5% estão em redesenho, atingindo 4,5% da área assistida (Quadro 3);
- Em relação à bovinocultura de leite, é significativo o fato de 42% dos produtores assistidos produzem leite a pasto (pastoreio rotativo). Além disso, 22% deles usam produtos fitoterápicos ou homeopáticos.

Por fim, queremos lembrar que estilos de agricultura de base ecológica são mais exigentes em conhecimentos, por parte de técnicos e agricultores, do que sistemas convencionais de produção. Por isso, a geração e validação de conhecimentos que se traduzem em formas tecnológicas específicas, de acordo com a realidade dos agricultores e as características biofísicas dos distintos agroecossistemas, assume um papel fundamental na transição agroecológica.

Referências Bibliográficas

COSTABEBER, J. A. ***Acción colectiva y procesos de transición agroecológica en Río Grande do Sul, Brasil.*** Córdoba, 1998. 422p. (Tese de Doutorado) Programa de Doctorado en Agroecología, Campesinado e Historia, ISEC-ETSIAN, Universidad de Córdoba, España, 1998.

GLIESSMANN, S. ***Agroecologia:*** Processos ecológicos para uma agricultura sustentável. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2000. 653 p.